

Índice

Cada vez temos menos amigos próximos	1
A discussão na Europa sobre a linguagem inclusiva apenas começou	2
Baixa fecundidade: questão de economia... e de atitude	3
“Mais Vivos do que Nunca”	4

Cada vez temos menos amigos próximos

Além das consequências estritamente de saúde, a pandemia trouxe um problema de relações pessoais. Os confinamentos e as posteriores restrições à interação social dificultaram o contacto com os amigos. Mas a verdade é que se trata de chover no molhado: segundo vários relatórios, o número e a qualidade das amizades reduziram-se nas últimas décadas, especialmente entre os jovens e os homens.

O Survey Center on American Life, uma iniciativa do American Enterprise Institute, publicou diversos estudos sobre a amizade nos Estados Unidos. [O mais recente](#), dirigido pelo investigador Daniel Cox, tem o interesse especial de mostrar como a pandemia afetou este domínio.

Como era de adivinhar, são muitas as pessoas que dizem ter perdido o contacto com alguns amigos: um pouco mais de 60 %. A percentagem é superior à média entre os homens e os jovens.

Algo de semelhante ocorreu noutros países. No Reino Unido, um inquérito feito pelo governo salienta que quase seis em cada dez pessoas dizem sentir-se mais afastadas dos seus amigos do que antes da pandemia.

De acordo com o relatório norte-americano, os amigos são cada vez com menor frequência as pessoas a quem se vai recorrer em primeiro lugar perante o surgimento de algum problema

pessoal: em 1990, diziam que atuariam assim 26 % dos inquiridos; agora, só 16 %.

Os jovens fá-lo-iam numa maior percentagem, mas a diferença com a restante população diminuiu drasticamente em apenas duas décadas e, especialmente, entre os homens: de 45 % para 22 %. Pelo contrário, a percentagem dos que recorreriam em primeiro lugar aos seus pais duplicou, superando a dos amigos. De facto, antes destes, preferem agora também o cônjuge. Entre as mulheres menores de 30 anos, as amizades tão-pouco são já as primeiras a quem confiar um problema, mas sim o cônjuge. Isso sim, um maior número delas optam pelos amigos antes de recorrer aos pais como primeiro recurso.

Os homens são também os que mais viram reduzido o número de amigos próximos. A percentagem dos que dizem ter um no máximo passou de 6 % em 1990, para 21 % em 2020 e, pelo contrário, a dos que referem terem cinco ou mais reduziu-se para metade: de 55 % para 27 %. Entre as mulheres há as mesmas tendências, embora as mudanças não tenham sido tão drásticas.

Por outro lado, os que têm menos amigos também são os que menos dizem ter contacto com as suas amizades. Em geral, a satisfação com o número de amigos é maior quantos mais forem. Contudo, chama a atenção o facto de um terço dos que dizem ter no máximo um amigo próximo se mostrarem muito satisfeitos.

A figura do melhor amigo ou amiga continua a estar presente na maioria dos casos, mas numa menor percentagem do que anteriormente. Também são menos os que conservam amigos da infância.

De acordo com outra investigação referente a dados da Europa, embora os homens tenham mais amigos na juventude, a partir dos 40 anos [as mulheres ganham vantagem](#), porque a perda de amigos – que costuma iniciar-se aos 25 anos – é mais intensa naqueles. Os autores pensam que, em parte, isto pode dever-se ao facto das mulheres costumarem integrar com maior frequência à família alargada o seu grupo de amigos próximos a partir da altura em que se casam.

De qualquer forma, a maior dificuldade para manter bastantes amizades próximas parece um sinal dos tempos. Uma causa pode ser o acelerado ritmo da vida moderna. Também pode influir a substituição das amizades “físicas” pelas ligações virtuais. Algumas investigações relacionam, por exemplo, o uso intensivo do Facebook com [uma maior sensação de solidão](#), embora não seja claro se é este comportamento o que prejudica as relações pessoais, ou se tem a ver com as pessoas mais solitárias tenderem a utilizar mais as redes sociais.

Outras explicações, no entanto, inclinam-se para fatores *offline*. Um estudo realizado pelo próprio Cox, juntamente com outros dois investigadores do American Enterprise Institute, salienta uma [relação inversa](#) entre a sensação de solidão por um lado, e o casamento, a prática religiosa ou a permanência num mesmo lugar, por outro.

As pessoas casadas, em geral, sentem-se menos sozinhas do que a média, inclusivamente depois de descontarem o efeito do nível socioeconómico, que é por si próprio um fator relacionado com a solidão. Do outro lado da equação encontram-se os divorciados, os solteiros que nunca se casaram – especialmente os homens – e mesmo os que vivem em união de facto com o seu parceiro. Também as pessoas com uma vida religiosa mais intensa se consideram menos sozinhas do que as que nunca praticam ou apenas esporadicamente.

F. R.-B.

A discussão na Europa sobre a linguagem inclusiva apenas começou

A medida do governo francês de proibir a utilização da escrita inclusiva no ensino nacional, reabriu o debate nas sociedades europeias sobre o sexismo na linguagem, a sexualização da língua ou a desconstrução dos códigos culturais em vigor até agora.

A ordem do até há pouco tempo ministro da Educação francês, Jean-Michel Blanquer, baseia-se em que “inventar palavras”, como sucede no caso francês com o uso do ponto central para incluir as duas desinências de género, é uma aberração. Não

apenas no ensino, como também em organismos oficiais alargou-se o uso de grafias como “les député·e·s”, que corresponderia à combinação do feminino *députées* e do masculino *députés*.

O Ministério francês da Educação considerou que este tipo de escrita não tem nada a ver com a luta contra o sexismo, e a única coisa que faz é obstaculizar a compreensão e a aprendizagem da escrita num idioma que – deve ser dito – é especialmente difícil de aprender devido às suas complexas regras ortográficas e gramaticais.

Em Espanha, o Ministério da Igualdade promoveu um género gramatical de criação nova, com desinência “-e”, válido para pessoas de qualquer sexo. O seu cartaz oficial aquando do Orgulho Gay do ano passado ostentava a legenda: “ORGULLO de TODAS – TODOS – TODES”.

Barbara De Cock, linguista e professora titular da Universidade Católica de Lovaina, falou do assunto à “Aceprensa”. Salienta: “A língua encontra-se em evolução constante. Para dar um exemplo relacionado com temas de género, o castelhano perdeu o neutro (excetuando alguns casos muito específicos, como o pronome demonstrativo), que existia em latim e em grego. Ou seja, já houve mudanças quanto ao género linguístico noutras alturas, pelo que não é unimaginável que volte a haver mais”.

“Discussões sobre a evolução da língua são perfeitamente normais”, acrescenta. Ora, “um debate como o da linguagem inclusiva reflete, além disso, discussões sobre a forma como se organiza a sociedade”.

Para De Cock, a linguagem inclusiva tem a ver com vários aspetos. Um, afirma, é o caso das pessoas que não se sentem identificadas com a divisão binária dos sexos (homem ou mulher). Mas também se utiliza o termo “linguagem inclusiva” em referência a outros fenómenos diferentes. Pode consistir na utilização de palavras sem conotação de sexo (“as pessoas”), no desdobramento (“deputadas e deputados”) ou em novas formas (como “todes”, ou o ponto central em francês). “As discussões polarizam-se muitas vezes em torno de um aspeto concreto, simplificando demasiado o assunto, que é mais complexo”.

Esta complexidade, em que se misturam questões morais, batalhas políticas, e a própria e normal evolução da linguagem como reflexo da sociedade, é a que suscita polémica. Por vezes, os cidadãos não entendem o porquê de uma medida, ou parece-lhes que é imposta sem lógica e sem qualquer explicação, fora das preferências políticas de um determinado setor da população.

Um estudo assinado por Renate Köcher, diretora do Instituts für Demoskopie Allensbach (Instituto de Pesquisas de Opinião Allensbach), revela o estado de opinião atual na Alemanha sobre a liberdade de expressão. O título do estudo é em si próprio eloquente: “Os limites da liberdade”. Inclui uma secção sobre a linguagem inclusiva.

O estudo refere: “Um em cada dois cidadãos está convencido de que hoje há que ter cuidado com a forma como a pessoa se comporta e com o que diz em público: 41 % criticam que se exagera com o politicamente correto e 35 % consideram que só é possível expressar livremente a opinião própria num círculo privado”.

Köcher salienta que “a maioria pensa que se vai demasiado longe quando se presta cada vez mais atenção à neutralidade de género, seja exigindo que se utilizem sempre simultaneamente a forma masculina e a feminina nos discursos, ou que as ofertas de emprego se dirijam aos três géneros. Isto depara com a incompreensão de todas as gerações e níveis educativos. Em geral, para a maioria continua a ser difícil aceitar a introdução oficial do terceiro género”. E resume tudo com esta afirmação: “Para 57 % da população, ‘torna-se irritante’ que cada vez mais seja imposto a cada um o que pode dizer e como se deve comportar”.

Na Bélgica e noutros países europeus foi aberto o mesmo debate, e a polarização é cada vez maior. Anne Dister, linguista e professora na Université Saint-Louis em Bruxelas, declarou à cadeia televisiva belga RTBF: “A escrita inclusiva baseia-se num pressuposto que é falso: que o masculino apaga o feminino. Quem é que pensa que se dizemos ‘passagem de peões’ isso significa que as mulheres não podem passar? É pura e simplesmente economia de linguagem”.

O governo de coligação belga não chegou a impor a linguagem inclusiva, mas recomendou-a vivamente em todos os organismos oficiais e nas escolas. Étienne de Montety, escritor e chefe de redação de cultura no diário francês “Le Figaro”, em declarações ao “La Libre Belgique”, comenta: “O que mais me incomoda neste tipo de linguagem é a sua militância, as suas exigências moralistas para impor uma escrita pouco natural e pouco prática. Coloco-me no lugar dos alunos para os quais a aprendizagem do francês é já por si complicada”.

Parte da discussão em torno da linguagem inclusiva refere-se ao tema da discriminação. Segundo um [estudo](#), salienta Barbara De Cock, há uma tendência, sobretudo entre os homens, para interpretar um pronome masculino em uso genérico como referente mais aos homens, apesar de teoricamente designar também as mulheres. Outro [artigo](#) que a professora menciona, sugere que apresentar nomes de profissões tanto no masculino como no feminino facilita que as crianças admitam a possibilidade de escolhê-los. “É difícil poder equiparar isto diretamente a um impacto forte na discriminação”, anota De Cock; no entanto, os estudos indicam que “a forma como se nomeia uma pessoa ou uma profissão vem a ter influência em a associarmos mais aos homens, ou tanto aos homens como às mulheres”.

Em todo o caso, acrescenta, há certos “usos e costumes” que devem ser enterrados: “Na minha universidade já se impôs que nos dirijamos às estudantes como *madame* (senhora) em vez de *mademoiselle* (menina) ainda que sejam solteiras. Uma regra muito usada no francês, mas que se refere somente ao estado civil da mulher, diferenciação que não existe no masculino”.

A linguagem é determinada pelo modo como interpretamos o que se está a passar na sociedade, e isso é, por vezes, positivo ou negativo. Atualmente, o termo “mulher/homem de limpeza” já foi substituído, pelo menos em muitos países do norte da Europa, por “técnicos de higiene”. Uma pessoa que há alguns anos era classificada como “atrasada mental” ou com “desvantagem”, hoje é normal que seja nomeada como pessoa com “deficiência”.

Mais uma vez, neste tema misturam-se muitos fatores difíceis de abordar de um ponto de vista pragmático e frio. A evolução na linguagem é constante e, portanto, não deve surpreender-nos. Mas na linguagem inclusiva acrescenta-se, além disso, uma componente social, com matizes políticas e morais, que levam a interrogar-nos, como Renate Köcher, sobre onde se encontram os limites da liberdade...

C. L.

Baixa fecundidade: questão de economia... e de atitude

O mau desempenho da economia e os seus efeitos nos bolsos particulares podem fazer com que as pessoas examinem decisões de peso, como a de serem pais. Considerar ter um filho quando tudo se está a passar calmamente – existe um posto de trabalho fixo, o salário chega com pontualidade, os investimentos alargam-se... –, não é a mesma coisa do que fazê-lo no contexto da frase “com tudo isso que está em queda”.

Sucedem em qualquer lugar. O “[El País](#)” entrevistou vários jovens espanhóis sobre a possibilidade de terem descendência. O denominador comum das respostas foi a escassez de meios económicos para assumir a paternidade. “Embora o queira, ter filhos é um luxo que não me posso permitir”, assegurou um jovem de 30 anos. Outro inquérito, efetuado pelo portal “[Mic](#)” nos EUA, recolheu afirmações parecidas: “Se tenho tanta dificuldade em viver bem agora com o meu salário, como admitir que possa oferecer a um filho a vida que merece?”.

O dinheiro é o problema, resumindo. Ou não, não sejamos tão categóricos. Um [estudo](#) de Laurie DeRose e Lyman Stone, publicado pelo Institute for Family Studies, revela que em sociedades como as nórdicas, onde se aplicam políticas de proteção à família e promoção da natalidade, os números não têm deixado de cair desde 2008, apesar da crise económica de então ter sido sucedida pela recuperação [desde 2010](#). Na Islândia e na Finlândia, por exemplo, o número de filhos por mulher desceu, apesar de ter subido a média salarial.

Logo, o mais importante será a bolsa? Será que as medidas pró-família – creches gratuitas, licenças de maternidade remuneradas, mais extensas e partilhadas com o pai – cumprem a

sua função de levar ao impulso da natalidade? Não parece que assim seja. É uma questão de atitude; basicamente, de uma que dá prioridade à atividade profissional e se centra em alcançar o sucesso nela, ao ponto de a converter no eixo que dá sentido à existência.

O padrão, ao que parece, é marcado pelo materialismo, entendido como a necessidade de alcançar as metas pessoais concretas – um bom emprego, prestígio, conforto material –, afastando ou reduzindo ao mínimo as “distrações” que não se focam no eu. E, certamente, nada há de mais “fora do foco” do que um filho.

No citado inquérito do “Mic”, vários *millennials* sem descendência citaram, além do motivo económico, o tema da carreira profissional. Diz um: “Quando imagino o meu futuro, não vejo nenhum filho. Adoro o que estou a estudar e quero aproveitar ao máximo a minha carreira, com implicações que podem envolver trabalhar horas extraordinárias sem limite, noites sem dormir, mudanças do local de trabalho, ou viajar”. Outros argumentos foram a ecologia, o super povoamento do planeta e os perigos de uma sociedade que caminha para pior. E também o desejo de preservar a todo o custo um estilo de vida sem limites incómodos. Um jovem explica que quer visitar os 195 países do mundo – “de momento, só fui a 23” – e que um filho não se encaixaria nesta vida nómada.

Não falamos, com certeza, em exclusivo de solteiros; nem apenas de casais sem filhos que se sentam um frente ao outro a contar os euros que lhes restam até ao fim do mês. A tendência para não querer filhos é visível cada vez mais em casais que não têm dificuldades económicas de grande monta.

Os DINK ou *dinkis* (de *double income, no kids*, ou “dois salários em casa, nenhum filho”) estão a aumentar nalguns países desenvolvidos. Os casais jovens deste tipo podem dispor de mais dinheiro para gastos não imprescindíveis, como viagens, férias, moda, imóveis, saídas de lazer, ações na Bolsa, etc. Uma [sondagem](#) da empresa britânica New Covent Garden Soup Co. revela que 37 % dos *dinkis* fazem exercícios físicos; 46 % consideram-se a si próprios *foodies* – amantes da boa mesa para toda a vida, mas com um acréscimo de paixão –, e um em cada cinco distrai-se fazendo jardinagem.

Tudo isto exige tempo e recursos. Bem investidos, sem dúvida..., em si próprios.

Comprovado, portanto, que uma “hecatombe” económica nem sempre explica a decisão de evitar ter filhos, regressemos à atitude. Para alguns, os casais jovens voluntariamente sem filhos estariam a olhar-se no espelho dos seus pais, como o rapaz do conto dos irmãos Grimm que, ao ver como os seus progenitores lhe trocaram depreciativamente para o avô o seu prato de cerâmica por uma tigela de madeira, fabricou uma para quando chegasse a altura deles.

A psicanalista norte-americana Erica Komisar [constatou](#) em vários dos seus doentes o peso do exemplo que testemunharam: jovens que um dia foram relegados no interesse dos

seus pais a favor das profissões destes, atualmente consideram que não é possível atender de modo apropriado os filhos e ter uma vida laboral satisfatória. Sofreram-no como filhos: a sua rotina era ficarem sozinhos em casa até ao final da tarde, porque “a mamã e o papá estão a trabalhar”. Perceberam que é inexoravelmente assim e, por isso, nem admitem a possibilidade da paternidade.

“Não é somente um fracasso da economia, mas da sociedade, ao não apreciar o valor dos cuidados para com os outros, o valor da família sobre tudo o resto, e o não ter transmitido a nossa alegria pela paternidade à geração seguinte”.

Uma alegria que, de momento, para muitos, pode perfeitamente ser substituída por uma degustação *gourmet* ou uma plácida viagem em navios de cruzeiro.

L. L.

“Mais Vivos do que Nunca”

“The Best of Men”

Realizador: Tim Whitby

Atores: George MacKay; Bebe Sanders

Duração: 90 min.

Ano: 2012

O Dr. Ludwig Guttmann é um médico alemão de origem judia. Em plena II Guerra Mundial vai para Inglaterra, fugindo da Alemanha Nazi. Acaba por encontrar trabalho num pequeno hospital, onde se recolhiam os feridos atingidos na espinal medula. Muitos deles chegavam paralisados ou com graves dificuldades de locomoção. Mas, acima de tudo, vinham desmoralizados e derrotados, perante a perspectiva de passarem o resto dos dias numa cama ou numa cadeira de rodas. Vários perdiam até a vontade de viver...

O filme acompanha a história verídica deste médico, que tenta uma estratégia inovadora: insuflar esperança e um sentido para a vida destes jovens através do desporto. De início, procura logo melhorar as condições em que vivem. Motiva as enfermeiras e consegue auxiliares que compreendam a sua visão. Depois, avança para tratamentos incomuns, incentivando os rapazes a aceitarem o esforço que isso iria exigir. A motivação é o seu segredo. Puxa por eles, dá-lhes metas sem os poupar no próprio empenho pessoal. Então, pouco a pouco, vão seguindo as suas

indicações, pois viam como ele se esforçava, sem desistir de lutar por eles... e os bons resultados vão chegar...

No final, percebe-se como os “jogos olímpicos paralímpicos” tiveram aqui a sua origem, numa iniciativa concretizada em pequenos passos...

Tópicos de análise:

1. Viver os problemas em concreto, ajuda a acertar com a solução.
2. Só se motiva alguém, quando se quer mesmo o seu bem...
3. Cultivar uma vida exemplar, potencia a competência profissional.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

